

## 2

### O engenheiro das flores

#### 2.1 - A poesia ecológica de Ruy Cinatti

Há no ser humano um apelo para a unificação, para a comunhão com todas as coisas e para ser um com elas

Leonardo Boff

No livro *O despertar da águia*, Leonardo Boff ressalta que a origem filológica do termo *sim-bólico* provém do grego clássico e significa literalmente lançar (bállein) junto (syn), ou seja, "lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas"<sup>1</sup> Nesse sentido, enxergar nas coisas seu valor simbólico significa reunir as realidades, convergindo as diversas forças num único feixe. A partir de tal idéia, pode-se compreender a relação de Ruy Cinatti com a natureza, os seres humanos e o mundo, já que ele procurava ver na natureza o seu valor simbólico e não apenas sua função utilitária e de manipulação.

Fernando Amaral afirma que “uma das principais traves-mestras da poesia de Cinatti consistiu numa associação entre a alma e a natureza, que mutuamente se correspondem e interpenetram.”<sup>2</sup> Dessa forma, pode-se seguir o pensamento de Leonardo Boff, que ressalta que: “[u]m ajuda reciprocamente o outro a existir e a se desenvolver. Todos se complementam e crescem juntos: as espécies, os ecossistemas e o inteiro universo.”<sup>3</sup> Percebe-se aí uma busca de equilíbrio entre o ser humano e a natureza, que norteia o pensamento ecológico e humano de Cinatti. Tal pensamento aproxima-se do de São Francisco de Assis, que compreendia a vida cristã e religiosa através de uma vivência evangélica, não só em termos de fraternidade entre os seres humanos, mas também de um relacionamento harmonioso com a natureza. Da mesma maneira, para Cinatti, o ser humano e a natureza não devem ser encarados como elementos díspares, mas convergentes.

---

<sup>1</sup> BOFF, Leonardo. *O despertar da águia*, p.11

<sup>2</sup> CINATTI, Ruy. *Obra Poética*, p.20.

<sup>3</sup> BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*, p. 133.

Através de seus textos científicos e de seus poemas, denuncia o homem que faz mau uso da natureza numa atitude suicida (uma vez que a degradação do meio ambiente leva a humanidade à autodestruição) e critica a má administração que este faz dos recursos que o meio ambiente oferece. É fundamental ressaltar que esse homem que Cinatti denuncia é representado por aqueles que compõem a administração colonial, ou seja, os que governam as colônias sem, no entanto, se preocuparem em conhecer o território e a população do local. Daí pode-se perceber um conflito na situação de Ruy Cinatti, já que ele era funcionário desta mesma administração colonial que tanto criticou.

A fim de se compreender a questão referente ao mau uso da natureza, pode-se levar em conta o que Garcia Rubio<sup>4</sup> comenta: "O homem, criado à imagem de Deus, é administrador responsável do mundo, chamado a 'dominá-lo' a serviço da humanização de todos os homens. É verdade que a teologia cristã acrescenta sempre que se trata de um domínio responsável". Neste sentido, o homem deveria administrar e dominar o mundo de forma consciente. Entretanto, há no mundo cristão a tendência a interpretar essa dominação de forma arrogante, como ressalta Garcia Rubio: "E mesmo antes da época moderna, podemos reconhecer, com L.White e C. Amery, a existência no mundo cristão de uma tendência que entendia Gn 1,28 no sentido de domínio arrogante, em nome do Criador, sobre o mundo da natureza."<sup>5</sup> Para que se clarifiquem estas afirmações, deve-se considerar a passagem da Bíblia: "Deus o abençoou: "Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra" (Gn 1,28)

Ao assumir-se esse entendimento do Gênesis, considera-se a hipótese de o ser humano ter feito mau uso da terra por não ter compreendido a mensagem divina e por não ter sabido administrar o patrimônio que Deus criou e lhe delegou. O Homem teria que "descer do pedestal em que se colocou" e perceber que, apesar do lugar privilegiado que ocupa na Criação, não deveria assumir uma posição arrogante em relação às outras criaturas do mundo. Segundo Garcia Rubio, a partir das palavras do Gn 1,28:

---

<sup>4</sup> Rubio, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*, p. 543.

<sup>5</sup> Idem, p. 545.

(...) não se deve concluir que o texto oriente para o domínio arbitrário e irresponsável. O homem, criado à imagem de Deus, ocupa um lugar especial na Criação. Todavia, lugar especial não significa distanciamento orgulhoso e arrogante em relação aos outros seres criados. O homem é criatura; tão criatura quanto qualquer outra. (...) o que o homem ocidental tem feito e continua a fazer com a natureza, desenvolvendo um domínio depredador e suicida, não deve ser conectado com a mensagem de Gn 1,28. Trata-se claramente de um domínio irresponsável e de uma arrogância e orgulho que se colocam no extremo oposto do que significa ser imagem de Deus.<sup>6</sup>

Certamente, com sua formação católica, Ruy Cinatti partilhava de tais idéias. As denúncias que faz contra aqueles que erradamente, contrariando a orientação bíblica, agredem a natureza atentam para a arrogância dos homens em relação à terra. Em um de seus inúmeros escritos, Ruy Cinatti chega a ressaltar que: “Com o seu poder creador o homem modifica a Terra, dá-lhe novos caracteres e desenvolve condições que pela sua particularização quase se individualizam do meio”<sup>7</sup>. Neste sentido, o homem deveria usufruir daquilo que o meio ambiente tem, não de maneira indiscriminada, porém consciente e racional, para que a terra possa continuar a oferecer ao ser humano seus recursos naturais.

É interessante perceber que esta declaração faz coro com o que afirma Luís Carriso (professor de botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que realizou inúmeros estudos da flora colonial em Angola, e fazia parte do conselho do Império), cujos escritos foram lidos por Cinatti. Na conferência "O conhecimento da flora e o progresso da agricultura colonial", de 1936, lê-se:

(...) o homem civilizado dispõe de um formidável poder de destruição, ao qual, em breve, não escapará nenhum recanto do nosso Globo, e é urgente, nos limites do possível, evitar essa destruição insensata, que fará desaparecer prematuramente, e para sempre, o mais precioso de todos os documentários, aquele que a Natureza intacta nos oferece, o quadro maravilhoso da criação.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.548-549.

<sup>7</sup> CINATTI, Ruy. *Impressões de uma Viagem pelos territórios portugueses da África Ocidental*, p.5.

<sup>8</sup> CARRISSO, Luís. In CAETANO, Marcello (org). *Antologia colonial portuguesa*. p, 233

É a partir de tais idéias que se pode começar a compreender melhor a visão que Ruy Cinatti tem da ecologia, (ciência que, a essa altura dá seus primeiros passos), da botânica e do papel do botânico<sup>9</sup>, que compreende aspectos muito mais complexos do que simplesmente identificar a flora de determinados locais. Cinatti compreende essa profissão como um indicador do meio no qual os seres vivos atuam e se inter-relacionam. Isto quer dizer que se deve conhecer o meio ambiente em que os seres vivem para que a preservação da natureza se faça de maneira eficaz.

O trabalho do botânico não pretende apenas alcançar, com objectivos de ciência pura o conhecimento das formas vegetais e das suas associações. Visa ainda outros objectivos: a investigação das condições do meio físico e biológico, do quadro em que a actividade humana se há de desenvolver (...). Como o cartógrafo, o climatologista, o geólogo, o zoológo e o etnógrafo, o botânico é, mais do que qualquer deles, o dianteiro que abre o caminho à ocupação económica racionalmente conduzida.<sup>10</sup>

Surge, nesse momento, um ponto de discussão e reflexão fundamental em relação ao meio ambiente, que é o importante carácter económico que envolve a preservação da natureza, uma vez que é

(...) necessário proteger a Natureza, conservando alguns documentos que ela nos faculty, que, pela sua fidelidade, constituem a melhor base para a utilização científica das partes da Terra que ainda não foram abrangidas pela nossa civilização intensiva. A protecção da Natureza justifica-se assim, por motivos de ordem económica: corresponde a conservar um documentário do que a Terra é, para daí podermos inferir do que ela poderá ser.<sup>11</sup>

Pode-se dizer que Ruy Cinatti, como cientista, concordava com a visão apontada por Carrisso, a qual defende que somente uma utilização consciente da natureza garante que ela permaneça equilibrada, e só assim os seres humanos podem continuar a usufruir do que ela tem a oferecer, garantindo a sua própria sobrevivência, já que se deve buscar um equilíbrio entre os três reinos da natureza.

---

<sup>9</sup> É importante entender que aqui o botânico é encarado como um participante ativo na preservação da natureza.

<sup>10</sup> CARRISSO, Luís. op. cit. p.217-218

<sup>11</sup> Idem, p.223.

É fundamental ressaltar que Cinatti desenvolve inúmeros estudos sobre Timor, resultado das diversas viagens de reconhecimento que o autor fez pelo território ao longo dos anos em que lá esteve. Estes estudos tratam principalmente da flora timorenses, sem, no entanto, ignorar a preocupação com um estudo do homem, já que esses se complementam. O próprio Cinatti afirma que "A natureza existe estreitamente ligada ao homem, dominando-o e deixando-se constantemente dominar"<sup>12</sup>.

Tais idéias refletem-se de forma bastante significativa na obra poética de Cinatti. Com poemas carregados de lirismo, o poeta busca as ligações essenciais com a natureza, pelo poder da poesia, refazendo esta aliança. Ela seria, então, o elo de ligação entre o Homem e a Natureza. Dentro desse pensamento, pode-se afirmar que a poesia cinattiana figura como a expressão clara dessa convergência, dessa aliança. Tal comunhão se dá no mundo das palavras, mais precisamente na poesia. O poder da palavra aparece em todo seu esplendor, pois, segundo Ruy Cinatti: "A palavra representa não apenas o instrumento graças ao qual nos expressamos, mas o instrumento de investigação, de invenção, por assim dizer, a chave da porta do mundo inteligível"<sup>13</sup>

A missão do poeta é, através da palavra, encontrar o elemento unificador das coisas. Em um manuscrito, recolhido de seu espólio por Peter Stilwell, Cinatti declara que

Se com uma palavra expressamos tantas e tantas coisas diferentes é porque existe entre elas um traço de união comum. Descobrir esse traço de união ou o sentido autêntico subterrâneo, raiz de todas as árvores simbólicas, é missão do poeta ou do homem que de uma vez para sempre se colocou perante si e a Natureza naquele estado puro com que nasceu.<sup>14</sup>

É justamente essa aliança Homem-Natureza que o poeta procura fazer nos poemas que escreve sobre Timor, lugar onde viveu durante muitos anos e que amou de tal forma, que dedicou grande parte da sua vida e obra à sua reconstrução, tanto humana quanto ecológica, já que, inserido num pensamento humanista, o humano e o ecológico estariam num mesmo patamar.

---

<sup>12</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p.

<sup>13</sup> CINATTI, Ruy. Apud STILWELL, Peter. op. cit. p.45.

<sup>14</sup> Idem.

Com o intuito de melhorar as condições de vida na ilha, idealiza um projeto de reconstrução e começa então a realizar diversos trabalhos científicos, de cunho ecológico e humano, como a identificação da flora timorense, visando à proteção da natureza, bem como estudos interdisciplinares para entender melhor a cultura da população local. Uma das obras que lhe serve de inspiração é a de Alberto Osório de Castro – *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*.

Através das viagens de reconhecimento pelo território timorense, Ruy Cinatti estreita cada vez mais seus laços de amizade com o povo da ilha e acaba por ganhar a sua simpatia. Em uma entrevista dada em 1972, Cinatti declara que os timorenses: “baptizaram-me de 'engenheiro das flores' e de 'senhor da chuva' – isto porque me viam colher plantas com flores e tantas vezes se ter dado o caso de chover quando, chegando a qualquer sítio, era sentida a falta de água nos campos cultivados.”<sup>15</sup>

À medida que vai conhecendo cada vez mais o interior da ilha, a verdadeira realidade do território timorense, e de seu povo, Cinatti vai transformando-se e tornando-se profundamente solidário com Timor. Pode-se notar essa mudança quando percebe que algo deve ser feito a favor da ilha e de seus habitantes. Os sucessivos desmatamentos das florestas e os constantes bombardeios, causados pelas inúmeras invasões do território o revoltam. Faz uma declaração indignada sobre a invasão japonesa:

Não se podem imaginar os estragos causados pela fúria de destruição dos japoneses. São os edifícios e as florestas. Foram as manadas de cavalos e os rebanhos de búfalos. Até os veados. E o estado miserável da população [...] confirma o martírio e a fome a que a ilha esteve sujeita desde 1942.<sup>16</sup>

No livro *Paixão e Redenção de Timor* (Lisboa, 1973), Marcello Caetano (antigo ministro da Colônias) afirma:

Dili sofrera 97 bombardeamentos aéreos. Da cidade restavam apenas 10 casas! Por toda parte havia crateras e capim. O hospital fora poupado... Desapareceram totalmente as povoações de Manatutu, de Lautem, de Alieu, de Maubisse, de Ainaro, de Viqueque, de Ermera e outras. Volatilizaram-se edifícios de circunscrições e de postos, hospitais, postos sanitários, escolas, missões e quartéis.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> CINATTI, Ruy, Apud. STILWELL, Peter. op. cit. p, 188.

<sup>16</sup> Idem., p. 175

<sup>17</sup> CAETANO, Marcello. Apud. STILWELL, Peter. op.cit. p, 175.

Sensibilizado co esta situação, Ruy Cinatti escreve uma série de poemas, cujo tom de denúncia dos abusos cometidos contra o meio ambiente e o povo timorense reforça o caráter humano de sua escrita. A fim de concentrar a análise nos poemas de cunho ecológico, foi feita uma seleção de quatro poemas: três encontram-se em *Uma seqüência Timorense* ("Gondões de Díli" na pág. 260; "As Camenassas de Díli" na pág. 262 e "Assoreamento da baía de Díli" , na pág. 263) e um em *Paisagens Timorenses com vultos* ("Parâmetro Ecológico", na pág. 520). O critério para a escolha se deu a partir do forte tom de denúncia que estes possuem.

No texto de Justificação que abre *Uma Seqüência Timorense*, Ruy Cinatti declara que os poemas desta coletânea são "Meditações de um agrônomo-fitogeógrafo e de um antropólogo"<sup>18</sup> e, mais adiante ressalta que:

essa meditação ou visão poética, aumente em amplitude e profundidade, seja simultaneamente pensamento e acção, é desejo meu, a minha recompensa, não só para mim, também para outros poetas que, em Timor, venham a descobrir vocação até em campos de expressão não-literária.<sup>19</sup>

Nota-se, a partir de tais declarações, o desejo do poeta de que sua obra desperte as pessoas para a importância de se acreditar que algo pode ser feito em relação à busca de um equilíbrio entre o ser humano e a natureza que o cerca. Este foi um ideal que povoou seus pensamentos e pelo qual se esforçou durante o período em que esteve na ilha, mas também longe dela. Em *De Timor* (1949) afirma que: "julgava poder vir a contribuir com o meu esforço para a obra de reconstrução em todos os sectores relacionados com a agricultura, a rearborização, e a proteção da natureza."<sup>20</sup> Porém, esbarra a todo momento na estupidez de uma "administração esquecida de que uma economia digna desse nome não é apenas de exploração, mas, simultaneamente, de conservação e de valorização."<sup>21</sup>

<sup>18</sup> CINATTI, Ruy op.cit. p, 257.

<sup>19</sup> Idem. p, 258.

<sup>20</sup> CINATTI, Ruy. Apud. Stilwell, Peter. op. cit. p. 176.

<sup>21</sup> Idem, p. 209

É importante perceber que Ruy Cinatti responsabiliza a administração colonial pelo insucesso das missões de reconstrução que pretendia realizar no território timorense. Os governantes não têm a preocupação de conservar e valorizar o meio ambiente, apenas de explorá-lo. Cinatti tem a consciência de que a exploração é inevitável, porém defende uma exploração racional e equilibrada.

Os seus estudos científicos e a sua poesia são os meios que encontra de condenar e culpar a administração pelo estado em que a ilha se encontra, numa tentativa de alertar as pessoas para que algo seja feito em benefício de Timor e de seu povo.

Jorge de Sena, na abertura de *Paisagens Timorenses com vultos*, ressalta, muito apropriadamente:

E quando a indignação e a dor ante a destruição ecológica e civilizadora do mundo é profissional, ou cínica, ou literata, sabe bem ler e ouvir a voz de um poeta em que ela brota de uma vivida experiência, de um amante convívio e de uma consciência lúcida de quanto a humanidade se não salva sem outras palavras que foram mágicas: consideração, respeito, amor.<sup>22</sup>

Pode-se então afirmar que os poemas-meditações de Cinatti servem como um registro e um alerta para que haja um maior respeito ao meio ambiente, pois é nele que os seres vivos habitam e é dele que se tiram os recursos essenciais para a vida na Terra.

No poema "Gondões de Díli", em *Uma Seqüência Timorense*, o poeta mostra-se profundamente indignado com a destruição dos gondões que sombreavam o hotel onde residiu por alguns anos. Declara que eram "verdadeiros monumentos vegetais, de uma pujança e altura notáveis" O poeta ressalta o poder acolhedor da árvore e chama o corte das mesmas de feridas incuráveis, comparando-o a um crime, como podemos notar na segunda estrofe.

---

<sup>22</sup>SENA, Jorge de. In. CINATTI, Ruy.op. cit. p, 485.

### Os Gondões de Díli

Gondões de Díli, sarça verdejante  
debruçada no cais,  
esteio de navios,  
passeio de perdidos e de amantes,  
aonde me acolhi, um dia,  
trauteando a minha melodia.  
Pobres árvores destroçadas,  
que não sentem as dores das minhas penas,  
ao sol mostrando feridas incuráveis  
abertas pelo crime e ventania.<sup>23</sup>

O sentimento diante da barbaridade do corte das árvores causa-lhe tanta dor, que chega a sentir náuseas, mágoa, além do terrível sentimento de traição. O poeta sente-se impotente diante da destruição das árvores, e a única maneira que encontra de refazer a natureza destruída é através de sua escrita.

Ah minha dor que me fastia  
até à náusea,  
e aquela mágoa,  
que é traição de amigo,  
refazendo em escrita a natureza!<sup>24</sup>

Nas últimas estrofes, faz questão de mostrar a estupidez humana, que ataca as "Pobres árvores destroçadas", que nada podem fazer contra a fúria e ignorância dos seres humanos.

É interessante notar como o poeta aproxima sua prece à raiz, que está unida, presa pelo mesmo chão.

Mas nada pode a sombra contra o golpe  
vibrado no córtex, no cimo  
floreado de pássaros,  
na raiz que o chão prende à minha prece,  
na solidão que era um hino.

---

<sup>23</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p, 260.

<sup>24</sup> Idem. p, 261

Pobres árvores destroçadas  
por estupidez que afronta o coração!<sup>25</sup>

Nas "Notas aproximativas a alguns poemas e uma advertência", Cinatti descreve os gondões da seguinte maneira:

Os gondões (*ficus spp.*, *Ai-Hali*, em *tetum*) que sombreavam o "hotel" da S.O.T.A., hoje sede da firma, eram verdadeiros monumentos vegetais, de uma pujança e altura notáveis. Foram, em 1954, destruídos e arrancados a poder de dinamite e substituídos pelas mesquinhas "acácias amarelas" (*Cassia siamea* Lam.), que embora mal sombreiem o largo de Lecidere, estão ao nível da mentalidade de quem as lá pôs.<sup>26</sup>

No trecho acima, fica bastante clara a indignação do poeta com relação à atitude da administração colonial, que destrói as árvores. A imagem da arrancada dos gondões "destruídos e arrancados a poder de dinamite" é extremamente forte e desoladora. A crítica explícita que o autor faz à administração colonial, que substituiu os gondões pelas "mesquinhas acácias amarelas", tão mesquinhas quanto a mentalidade dos governantes que as lá puseram, mostra a tensão crescente entre o sentido de uma missão a ser cumprida por Portugal e a realidade desse projeto. Tanto no poema quanto no texto acima, Cinatti demonstra toda a sua indignação com o que está sendo feito com a natureza em Timor.

Em "As Camenassas de Díli", o poeta continua com seu forte tom de denúncia, condenando a administração de Timor pela destruição de "Díli-jardim", comparando os seus administradores a uma alcatéia. É importante notar os adjetivos fortes que o poeta usa para definir essa alcatéia: *bruta*, *imbecil*, *canhestra* e *mentecapta*. Chama ainda os malfeitores de "homens ciosos", provavelmente da beleza das camenassas, bem retratada com carinho apaixonado, nas primeiras estrofes. Na última estrofe, declara que a atitude estúpida dos governantes "transformou a cidade num deserto de casas sem memória", que seria representada pelas camenassas. Sem as árvores, a cidade perde sua memória, e o que resta é apenas um deserto.

<sup>25</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p, 261

<sup>26</sup> Idem. p, 548

### As Camenassas de Díli

Eram corolas róseas debruadas  
em fimbrias de marfim,  
caindo uma a uma sobre a estrada,  
sem que o vento ou sopro as desligasse  
da copa verde afim.

Eram tão delicadas... Um só raiar  
de fios luminosos entre os limbos,  
na tépida penumbra esmaecida  
de musgos e raízes.

Tamanha maravilha sossegava  
matutinos ardores,  
esmoreciam loucos devaneios  
de acelerar o ritmo da vida  
antes que a natureza proclamasse  
livre a fase finda.

Eram tão delicadas... Mas a abruta,  
imbecil, canhestra,  
mentecapta alcateia  
de homens ciosos sem qualquer ideia,  
tomou posse de Díli-jardim,  
arrancou árvores, desviou ribeiras,  
transformou a cidade  
num deserto de casas sem memória,  
sem corolas caindo sobre a estrada.<sup>27</sup>

Em "Assoreamento da Baía de Díli", Ruy Cinatti não trata da questão da derrubada de árvores, mas do assoreamento (que é uma obstrução feita com areia ou qualquer outro sedimento, geralmente com o intuito de reduzir a correnteza) da baía de Díli, que causa a morte de organismos vivos que habitam esse tipo de ecossistema, como peixes, corais e algas. O assoreamento foi realizado para que se construísse um porto, o que, no entanto, nunca se realizou. Faz uma descrição

---

<sup>27</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p, 262.

do momento em que os sedimentos são jogados na baía, transformando o que era um aquário onde a "vida inferior se imortaliza" num "deserto aquático".

É importante notar a tristeza que o poeta sente com a agressividade de tal ato, pois chega a se comparar com um cadáver, que passa a ter passos pesados. As horas tornam-se pesadas e a paisagem vai transfigurando-se, metamorfoseando-se. A transformação que o ecossistema sofre devido ao assoreamento o incomoda deveras.

#### Assoreamento da Baía de Díli

Horas pesadas de sentido e o mar  
dobrando recifes coralígenos,  
onde nos fundos d' água habituais  
a vida inferior se imortaliza  
em algas e corais digladiados por peixes  
multicores, navegando tranqüilos.

Sempre vos quis, mas senti a poeira  
descendo no ar, repousando nas águas  
transfiguradas, metamorfizando  
a paisagem de aquário em deserto aquático,  
eu próprio cadáver circundante.

E caminho pesaroso pela areia,  
ouvindo no espírito o murmúrio das ondas  
indiferentes ao crepúsculo do dia,  
à terrível mutação das formas naturais,  
belas  
e para sempre perdidas  
na realidade teimosa da minha ficção.<sup>28</sup>

A paisagem transformada perde-se para sempre, sobrevivendo apenas na ficção do poeta, o qual ainda escuta o murmúrio das ondas que, indiferentes às terríveis e irreversíveis mutações, permanecem em seu espírito.

---

<sup>28</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p, 263.

O poema "Parâmetro Ecológico" é dividido em três partes. Na primeira, o poeta alude ao mito de Sísifo<sup>29</sup>, que representa a terrível consciência da condenação a um trabalho inútil e sem esperança. Há um pouco de Sísifo em Cinatti neste sentido, uma vez que ele se sente aprisionado pelas tarefas burocráticas, que o impedem de realizar seu trabalho da maneira como gostaria. Por outro lado, a aguda consciência de Sísifo representa também a persistência, a única coisa que pode salvar um ideal mais humanista. Esta consciência, ou seja, a não-desistência, é a salvação, que deve estar dentro do espírito de cada um, fazer parte da essência de cada um. Essa salvação intima o ar que respiramos, que é o elemento de união da humanidade.

#### Parâmetro Ecológico

1  
 Aguda consciência de Sísifo,  
 que é no espírito  
 salvação humana,  
 intima-me o ar puro que respiro,  
 atende, atenta,  
 aviso ímpar,  
 o fecundo enlace:  
 Natureza-Tempo,  
 o devir no Espaço.<sup>30</sup>

Na segunda parte, o poeta fala da devastação causada pelos colonizadores e pelas consecutivas invasões do território timorense. Condena a tentativa intencional de desfiguração do território, alertando para a cegueira da maioria dos governantes, que preferem não ver o que acontece. Faz de um pinheiro, o *podocarpus*, o símbolo da destruição causada pela mão do homem. Declara que este pinheiro está solitário devido à devastação (devemos levar em conta que nunca há um pinheiro sozinho). Esta árvore será o testemunho, para aqueles que

<sup>29</sup> Sísifo foi condenado, por ter espalhado levianamente seus segredos, pelos deuses do Olimpo, a rolar um enorme rochedo, incessantemente, até o alto de uma montanha. Quando, finalmente, ele conseguia chegar ao cimo da montanha, a pedra caía novamente. O castigo imposto a Sísifo impunha o sofrimento de ter a consciência da condenação a um trabalho inútil.

<sup>30</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p, 520

por ali passarem, da ação predatória dos que destroem a natureza, transformando-a em um deserto.

É notório ressaltar que Cinatti, neste poema, já aponta para um problema que preocupa a humanidade nos dias de hoje: o processo de desertificação da Terra, que se acelera cada vez mais, devido aos constantes desmatamentos.

2

Onde passei havia florestas  
há tantos anos...  
Hoje, a paisagem é um deserto  
de caules nus.

Ninguém me distende o esclarecer  
de tal desengano.

Havia florestas, um crescer  
sobrehumano.  
Pedras e troncos isolados,  
assistem sós.

O capim cresce. Ah, conhecer  
o que assim foi, de sempre, com o tédio  
- fruto visível de um sentir abstracto !  
Ninguém, ou só poucos, ousam ver  
a fundo, o facto.

Uma árvore só: um *Podocarpus*,  
raro "pinheiro" de sensíveis cumes,  
acusa a mão do homem, denuncia,  
à vista de Maubisse,  
subindo a estrada para a Cumiada,  
o que ali havia...  
Sinto vegetação nascer ao meu lado  
como já foi na realidade  
destas encostas – hoje pedraria  
e cheiro a hortelã!...

Um *Podocarpus*,  
vestígio de arvoredos  
outrora extenso e imponente, solitário hoje.  
Tamanha ausência  
supõe anos de fogo arrepiando  
montes circundantes.

Um *Podocarpus*,  
sacralizado pelos Timorenses...  
é testemunho  
para os viajantes.<sup>31</sup>

Na nota aproximativa a "Parâmetro Ecológico", Ruy Cinatti descreve minuciosamente a árvore citada neste poema:

A podocárpea mencionada corresponde à espécie *Podocarpus imbricata* Bl., *Ai-Amal*, em *tetum*. Encontrei-a pela primeira vez em 1947 nas vertentes do monte Boicau, sebreelevado a 2100 m, na cordilheira de Matebian, e, pouco mais tarde, no Mundo Perdido, a 1500 m. É dominante na floresta de chuva de montanha, constituída por razoável acervo de fanerogâmicas (dicotilédones, principalmente) e de criptogâmicas (fetos arbóreos, licopódios, musgos, líquenes e fungos), mas aparece, por vezes, sob forma gregária, em povoamentos quase puros (...). É uma árvore grande (alguns exemplares atingem 40m de altura), de madeira leve, branco-acastanhada, pouco resistente aos incêndios, embora subsista, por motivos que desconheço, em locais onde as outras espécies das sub-associações desapareceram, como é o caso de Maubisse, mencionado no poema, e ali reduzida a dois exemplares decrepitos em 1958, talvez por ambos estarem protegidos por plataforma empedrada, como soe acontecer com as árvores sacralizadas pelos Timorenses.<sup>32</sup>

Pode-se notar o profundo conhecimento do autor com relação à vegetação do território timorense. Em todos os poemas, Cinatti faz questão de mostrar sua indignação contra as atitudes tomadas pela administração colonial com relação ao manejo da natureza. Ressalta que os governantes se utilizam dos recursos naturais, e transformam a natureza sem que haja uma preocupação em equilibrá-la e muito menos preservá-la. Para ilustrar melhor este pensamento, é interessante destacar uma passagem do estudo científico que Cinatti elaborou e publicou em 1950, intitulado *Esboço Histórico do Sândalo no Timor Português*, onde o autor ressalta que a exploração dessa árvore cresceu em ritmo acelerado no século XX. A passagem que segue abaixo, confirma a ignorância científica/botânica dos administradores, que sequer se davam ao trabalho de conhecer as condições de cultivo do sândalo.

<sup>31</sup>CINATTI, Ruy. op. cit. p. 251.

<sup>32</sup>Idem. p. 553.

é que os administradores, no empenho em levar a cabo a empresa, limpavam a terra de quaisquer ervas estranhas e chegavam a extremos de cuidados tais que semeavam o sândalo em canudos de bambu! [...] Tudo isto porque se desconhecia, após 300 anos de exploração intensa, o parasitismo do sândalo!

Por fim, na terceira parte, o poeta acredita que sua poesia é a prova da cegueira dos homens que governam Timor, que, numa tentativa de justificar o que não pode ser justificado dizem que foi sempre assim. Mas a natureza sabe que foi devastada, destruída pela ganância dos governantes.

3  
 Meu gesto lento de fotografia  
 atesta cegueira aos governantes,  
 que olhando o que não vêem ousam dizer:  
 Foi sempre assim!

A Natureza, que é manjar dos vivos,  
 responde por mim.  
 Onde havia florestas há só capim  
 e fome que a os vivos arrebatam!<sup>33</sup>

No "gesto lento de fotografia", que os seus poemas evocam, Cinatti atenta para a preservação da natureza, ressaltando a beleza de seus elementos naturais. Defende uma política de aproveitamento racional dos recursos naturais, condenando a administração colonial, que parece não se preocupar com isso. E declara que:

os factos, os administrativos incluídos, confirmam-nas com maior eloquência nos efeitos desastrosos de uma política de exploração, a nível de depredadora, sem que tenha havido, a menos de efémeras insignificativas tentativas, a correspondente política de conservação e manutenção.<sup>34</sup>

É interessante e extremamente belo o destaque que o poeta dá à importância da árvore: "A verdade é que ainda não me cansei de proclamar publicamente que em Timor A ÁRVORE É GARANTIA DO PÃO."<sup>35</sup>

<sup>33</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p. 521,

<sup>34</sup> CINATTI, Ruy. op. cit. p. 552

<sup>35</sup> Idem

Partindo-se de tais declarações, pode-se reafirmar, como já foi dito anteriormente, que a ocupação desordenada e a utilização irracional do meio ambiente é uma das suas principais preocupações. Ele mesmo afirma que:

(...) Timor iria ardendo, as árvores derrubando-se, a baía de Díli assoreando-se, as estradas escorregando, o solo lavando-se e calcinando-se, as fontes secando... em obediência a um processo administrativo certinho como um silogismo em que as premissas estão inteiramente falseadas. E quando teria sido tudo tão mais fácil, de início, se tivessem protegido as cumiadas ou outros locais estratégicos onde a erosão ataca, indomável: ou se tivesse lançado mão da sabedoria timorense, escalonando as vertentes abruptas em terraços empedrados, como em Marobo e Báguia; ou da própria crença dos timorenses gentios, que consideram sagradas e, portanto, intocáveis, as florestas de altitude...<sup>36</sup>

Segundo a crença timorense, as florestas são sagradas, e, por isso, não deveriam ser tocadas e/ou modificadas pelo homem. Em outras palavras, o homem não tem o direito de mexer no que é sagrado. Ruy Cinatti aponta para tal fato, como pode-se notar na declaração acima, e também numa passagem de "Parâmetro Ecológico", na qual declara que o crescer das árvores é algo que está além do humano, ou seja, é algo em que o homem não deveria intervir:

Ninguém me distende o esclarecer  
de tal desengano.  
Havia florestas, um crescer  
sobrehumano.<sup>37</sup>

É importante notar que, segundo aponta Cinatti, se houvesse algum respeito pela cultura e pela crença dos timorenses, provavelmente as florestas não teriam sido devastadas.

A sua grande preocupação se manifesta no sentido do respeito pelo conhecimento da cultura do outro, a fim não só de preservá-la, mas também o meio ambiente. Pode-se então afirmar que Ruy Cinatti se destaca como um poeta preocupado com as causas humanas, e que sua poesia é engajada nas causas sociais, o que se pode confirmar pelo seu comprometimento com tudo o que diz respeito ao humano.

---

<sup>36</sup> Ibidem

<sup>37</sup> Ibidem, p.520

## 2.2 – Poeta por dom natural

No prefácio de *Um cancionero para Timor*, Jorge Dias afirma que "Cinatti é poeta por dom natural. Nasceu para sentir e para comunicar em poesia a beleza e o sentido oculto que vê nas coisas e na vida"<sup>38</sup> Na sua singular combinação de cientista e poeta, capta como poucos o sentido real das coisas, já que: "Procura dar à sua poesia, quer no aspecto formal, quer no espírito, o máximo de identificação com o mundo real em que viveu e amou, mas interpreta esse mundo em termos exatos de cientista."<sup>39</sup>

Os elementos naturais exaltados em sua poesia não aparecem apenas para ilustrar seus poemas; mais do que isso, fazem parte do universo poético cinattiano de uma forma particular. Cada um deles tem um significado único, especial, como afirma Jorge Dias:

O espírito do poeta formado na disciplina das ciências naturais, permitiu-lhe chamar as coisas pelo seu nome. Não caiu nas abstrações pobres e banais comuns à maioria dos poetas líricos, que só sabem falar de pássaros, de árvores, sem saberem que todas as árvores, flores e bichos têm os seus nomes próprios, a sua vida própria e o seu significado próprio.<sup>40</sup>

Nos seus poemas, Cinatti parte de uma experiência pessoal, individual, para retratar o que sente e pensa. Neste sentido, a sua poesia figura a representação de uma vivência cotidiana. Segundo aponta Maria João Borges:

Nos livros sobre Timor e sobre os outros espaços ultramarinos que fazem parte do universo cinattiano, entrecruzam-se um saber e olhar que decorrem da formação científica do sujeito, da profissão que exerce, o seu conhecimento de literatura, dados da sua história pessoal, resultando muito visivelmente a poesia numa experiência humana concreta, no terreno, por assim dizer.<sup>41</sup>

O próprio Cinatti afirma que "A poesia é a autobiografia do poeta ou do nómada em escala de partida: o seu cântico"<sup>42</sup>. Efetivamente, esse nomadismo é uma característica marcante na vida e na obra de Ruy Cinatti. O poeta é um "nómada em escala de partida", ou seja, está sempre à espera de uma nova viagem, de uma nova partida, mesmo que seja para dentro de si mesmo.

<sup>38</sup> DIAS, Jorge. In CINATTI, Ruy. *Um cancionero para Timor*, p.6.

<sup>39</sup> Idem, p.7.

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> BORGES, Maria João. "Poesia como Autobiografia" In. *Românica, revista de literatura*, p.135.

<sup>42</sup> CINATTI, Ruy. apud STILWELL, Peter. *A Condição Humana em Ruy Cinatti*, p.333.

A poesia é o cântico, o hino dessa nova partida. Baseando-se em tais idéias, deve-se levar em conta as palavras de Maria João Borges: "Ler a obra poética de Ruy Cinatti implica interrogarmo-nos, antes de tudo o mais, acerca da personalidade que nela se retrata, fazendo dos versos o roteiro da sua *peregrinatio*"<sup>43</sup> Ainda de acordo com Maria João Borges: "A poesia tem a sua raiz numa experiência interior, de ordem metafísica. A orientação religiosa da personalidade determina o registo poético, que espelha, assim, o que é da esfera do biográfico."<sup>44</sup>

A obra poética cinattiana, entretanto, nem sempre foi muito bem recebida pela crítica. Dentre os inúmeros fatores que destacam a sua poesia em relação às outras, um dos mais marcantes provavelmente é o privilégio por uma linguagem coloquial, que não segue à risca as regras de composição a que as correntes mais tradicionais estão acostumadas. De acordo com Fernando Pinto do Amaral, esta é, entre outras, uma das razões da dificuldade de aceitação da poesia de Cinatti:

Outras razões para uma certa dificuldade de aceitação desta poesia residem, contudo, em motivos estilísticos, dado que o tipo de composição adoptado por Cinatti (sobretudo a partir dos anos 50, mas mesmo antes) fugia aos moldes a que o gosto lírico nacional se habituara. A sua freqüente opção por uma sintaxe pouco fluida e relativamente abrupta – com repentinas guinadas rumo a direções imprevisíveis - , assim como um ritmo prosódico um tanto sacudido e elíptico, não ajudaram a que se ampliasse muito a gama de leitores deste poeta pouco perfeccionista, que foi sempre escrevendo bastante e que, talvez até por isso mesmo não hesita em desvalorizar o lado da maestria ou do aperfeiçoamento formal – "não sou mestre-oficinas" – preferindo salvaguardar em todas as circunstâncias a fidelidade ao impulso inicial – ou seja, à inspiração – de cuja espontaneidade vive cada um dos seus poemas.<sup>45</sup>

Para que se compreenda tal idéia, deve-se considerar o contexto da literatura portuguesa da época em que os fundadores dos *Cadernos de Poesia*, profundamente influenciados por Eliot e Pound, começaram a publicar. A proposta dos *Cadernos* era justamente aproximar-se da linguagem coloquial, sem dependência de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas.

<sup>43</sup> BORGES, Maria João. op cit. p.130.

<sup>44</sup> Idem. p. 130.

<sup>45</sup> AMARAL, Fernando Pinto do. In CINATTI, Ruy *Obra Poética*, p.14.

Fiéis a algumas evidências da poética romântica, revistas pelas experiências simbolista e modernista, os poetas da geração dos *Cadernos*, muito sensíveis a certas inflexões da lírica anglo-saxônica e espanhola contemporânea, mostraram-se particularmente atentos às propriedades duma linguagem poética que explora a coloquialidade e se caracteriza por um investimento imagético cerrado e inesperado, combinando a fluidez, a dicção incisiva, a desarticulação prosaica.<sup>46</sup>

A primeira série dos *Cadernos de Poesia* (1940-1942) foi organizada por Tomás Kim, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti e englobou cinco números; a segunda (1951), organizada por Jorge de Sena, Ruy Cinatti, José Blanc de Portugal e José Augusto França, constituiu-se de sete fascículos; a terceira série, com os mesmos organizadores da segunda, teve três números. (1952-1953). Pode-se afirmar que, com a sua autenticidade, os *Cadernos* instauraram uma verdadeira revolução expressiva, acarretando uma nova maneira de se ler e fazer poesia.

Segundo afirma Nuno Júdice, "(...) os *Cadernos de Poesia* reúnem os poetas que mais se aproximam de um conceito ideal de poesia pura."<sup>47</sup> Para que se compreendam melhor esses conceitos, deve-se levar em conta o editorial "A Poesia é só Uma", apresentado no fascículo 6 da segunda série dos *Cadernos*, onde os signatários defendem que essa Poesia nasceu do "Compromisso firmado entre um ser humano e o seu tempo, entre uma personalidade e uma sua consciência sensível do mundo, que mutuamente se definem. Tudo o que não atinge esse nível não é poesia."<sup>48</sup>

Como já foi dito anteriormente, para Cinatti, a poesia deve ser o elo de ligação entre o homem e a natureza. A literatura é o terreno de comunhão dos elementos naturais que o poeta deve buscar nas suas palavras. A poesia só existe quando relaciona entre si duas entidades: o homem e os elementos essenciais da natureza que o cerca.

Se a expressão poética é (ou resulta de) um compromisso – e sublinhe-se de uma vez para sempre que esse compromisso se não destina a captar o inexprimível... – evidente se torna que a poesia só existe como relação: a relação que relata e a relação que relaciona entre si duas entidades.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> BORGES, Maria João. "A poesia como investidura". In *Revista Ler*, p.68.

<sup>47</sup> JÚDICE, Nuno. *As máscaras do poema*. p, 178.

<sup>48</sup> Apud. JÚDICE, Nuno. op. cit. p, 178.

<sup>49</sup> Idem



Para ser poeta é também preciso abrir-se, expondo-se e rompendo com as formas pré-estabelecidas, "É preciso despir as vísceras e expô-las ao sol,/Lavá-las no mar".

Esse "nascer de novo com cada coisa em seu lugar" que um dos versos evoca representa uma nova vida, um renascimento, que surge após o despojamento, com a aproximação ao mundo sensível, que é o mundo dos poetas. A vida ressurgue como dom, e é justamente nesse dom que se encontra o conhecimento poético. Como afirma Peter Stilwell:

A renúncia ao mundo das aparências, o caminho do despojamento, conduziu o poeta às raízes últimas da existência, donde inicia agora o movimento ascendente da criação poética. Renasce para uma vida experimentada não já como posse mas como puro dom. Vive um instante de lucidez, de conhecimento poético.<sup>52</sup>

"Pouco a pouco lá vem o encantamento/Para refrescar a alma entristecida". Esse encantamento é produzido pela própria poesia; os poetas têm o dom de encantar, com as palavras, com a poesia, as almas entristecidas..

As idéias expressas por esse poema refletem os ideais dos poetas dos *Cadernos*. A idéia, apresentada no editorial do fascículo 6 dos *Cadernos de Poesia*, de 1951, de que a "expressão poética resulta de um compromisso firmado entre um ser humano e seu tempo, entre uma personalidade e uma sua consciência sensível do mundo"<sup>53</sup> é bem representada pelos versos desse poema.

O lema dos *Cadernos de Poesia*: "A Poesia é só Uma" é fundamental para compreender a obra poética cinattiana. O conceito de poesia moderna, universal torna-se primordial na construção da idéia da poesia como o elo de ligação do homem com a natureza, que Ruy Cinatti sempre buscou em seus poemas.

---

<sup>52</sup> Idem, p. 61.

<sup>53</sup> *Cadernos de Poesia*, fasc. 6 (II série), p.6-7.